

a campainha e o empregado voltou a aparecer:

— Deixe ver o horário e as cadernetas do senhor doutor Alberto Soares.

Dia novo. Belo dia de Outono cheio de memórias de Verão. Tinha o corpo sovado de insónia e do comboio, os olhos ardidos de espartina, mas sentia-me bem, já na rua, com os meus papéis profissionais na algebeira. Olho a planície do alto da rampa e sinto-me invadido dessa plenitude de quem olha o mar do alto de uma falésia.

E dois dias depois começavam os exames da segunda época. São meia dúzia de alunos que essa manhã suam as entranças. Há uma guerra de Tróia a decidir a golpes de dicionário. Eu assisto, ainda comovido. Fumo ao longo da sala, abro enfim uma janela para o espaço da planície, crestada, abandonada ao sol. Passa ao longe o assobio de um comboio de crianças, um carro desliza pela fita negra de uma estrada. O tempo arrefecera bruscamente. E um sol triste poussa ao de leve nas coisas, um vento inesperado sopra de vez em quando, revolve no chão as folhas secas das árvores. Nos fios eléctricos que passam diante das janelas agrupam-se cachos de andorinhas que meditam na sua longa migração. Estremecem no baloiço, aos sopros do vento, de penas eriçadas, olhando ao longe com melancolia.

Subitamente, porém, a porta abriu-se e o vasto reitor entrou. Trazia no seu sorriso belo e infantil uma pequena notícia para me dar:

— O doutor Moura telefonou-me a perguntar por si. Quer saber onde é que o pode encontrar.

III

Mas não foi fácil encontrarmo-nos. Eu próprio lhe telefonei daí a pouco a acabámos por marcar o encontro para o dia seguinte no *Arcada*, sem que Moura se lembrasse de que era uma terça-feira, ou seja, dia de mercado. Com efeito, ao entrar no café, após o almoço, tive a surpresa de ver aquele vasto túnel apinhado de gente. O corredor atravancava-se de negociantes, porque era ali, entre bebidas, que se realizava o mercado da semana. A terça-feira era «dia de porcos», como soube mais tarde que lhe chamavam. E, por isso, quando recordei esses dias distantes, a imagem que deles tenho é a de um ventre glorioso digerindo poderosamente, preenchendo compactamente todo o espaço do café... Achei a custo um lugar a um canto, à esquerda de quem entra e onde viria a instalar-me para sempre. Em mesas postas para o almoço, forasteiros mastigavam; e dir-se-iam eles tão naturalmente feitos para isso, que mesmo sem mastigarem me pareciam mastigar; como certos carros «aerodinâmicos» mesmo parados, parecem larrados a grandes velocidades... Por entre a vozearia, a fumarrada e o odor a corpos, tento localizar o doutor Moura em

quem tenha o olhar inquieto e procure também como eu. Canso-me enfim e para ali fico, abandonado a cigarros e a olhos vãos. Decerto o encontro falhara. Meu pai recomendara-me o Moura como um apoio no deserto. E sei que lhe escrevera. Tinham sido colegas em Coimbra, tinham ambos construído aí um passado, sobretudo através de uma discreta boémia—essa que, por ser discreta, pode melhor depois preencher uma memória. Meu pai contara-me que o homem tinha uma bela voz de tenor e coadjuvava os amigos com serenatas nos *flirts* de ocasião. Bato um novo cigarro, espero ainda. E de súbito vejo vir até perto de mim um sujeito gordo, baixo, ensacado, de olhar inquieto pelas meas. Ergo-me, vou até ele. Firãmo-nos ambos um momento até acharmos o nosso traço de união; e foi ele quem primeiro o descobriu:

—É o doutor Alberto Soares? Ora viva, viva. Então que tal de viagem? Onde está instalado? Ora vamo-nos sentar um pouco. Isto hoje é mau dia, mas nem me lembrei.

E sentámo-nos. Moura pediu o seu café e, talvez por reparar no meu fato preto, evocou enfim o meu pai. Con-tei-lhe o desastre súbito da sua morte (que ele soubera pelos jornais), mas era evidente que Moura se não sentia muito impressionado. Tinha a sua alegria espontânea, firmada não sei em quê—como aliás nunca soube. Depois falou da minha aldeia, da nossa casa, e ela foi verdade mesmo ali, naquele ar grosso de fumo, de algarazarra, de notas de conto esfolhadas pelas mesas de negócio.

—Passámos lá há dois anos. Não: há três.

—Eu estava para fora.

—Eu sei. O Álvaro, o seu pai, disse-me. Mas a casa, a casa. Extraordinária. Muito antiga, não é?

28

Velha casa. E eu sendo, aparecendo, criando-me através de ti e de mim. Muito antiga? Havia uma data que eu descobrira no sobrado: 1761 ou 1767. Algum velho «mineiro» a trouxera do Brasil. Um vasto jardim em frente, com um grande alpendre ao lado, um pinhal descendo do lado oposto até à ribeira, e adiante a montanha.

—Vai-lhe custar a adaptar-se—disse Moura.— Isto aqui é muito diferente. Mas note: também tem a sua beleza. Quando eu vim foi o mesmo. Porque eu não sou daqui. Mas casei em Évora e por cá fiquei. A mim diziam-me: «O que custa são os primeiros dez anos.»

—Espero ir para o ano para Lisboa.

—Eu sei, quero dizer, calculo. O senhor não é um desconhecido. É muito falado lá em casa. A minha Sofia, que também faz versos...

Sofia. À luz do meu Inverno, eis que te lembro no teu corpo esguio, no teu olhar ácido de pecado... Domingos de Primavera pelos campos, noites quentes de Verão no Alto de São Bento, a planície banhada de uma lua enorme. E tu voltada para o céu, cantando, cantando:

Ai... Ai, ai, ai, ai!

Ouço nas vísceras o teu canto ardente, iluminado de loucura. Os céus estremeciam à anunciação da tua divindade. Os teus olhos vivos, Sofia, a tua face tão jovem tinham o mistério da vitória e do desastre, da violência do sangue. Cantal! Que mais há na tua vida que o teu canto, a angústia do teu grito contra os céus desabitados?...

—...Também faz versos?—perguntei por fim.

—A minha Sofia? Se ela tivesse tanto jeito para o latim como tem para isso...

29

— Latim?

— Dois anos reprovada na admissão a Direito, veja o meu amigo. Dois anos. E, se calhar, vai-se ao ar também o terceiro.

Mas um moço de face redonda, um começo de calvicie, um sorriso cortado à navalha, de orelha a orelha, aproximou-se de nós, poisou a mão no ombro do Dr. Moura:

— O Chico está melhor. Passei agora lá por casa.

— Ah, sim? Bom, então não preciso de ir lá já.

— Mas passe por lá logo. Ele diz que se sente melhor. E já fala outra vez em pólicas e em razão e em cultura, eu sei lá. Ontem estava macambúzio, amodorrado.

— Um novo amigo: doutor...

— Alberto Soares.

— Alfredo Cerqueira. Como está o senhor doutor?

— Meu genro — disse ainda Moura.

— Marido de Sofia? — perguntei.

— De Ana. Tenho três filhas — esclareceu Moura, sorridente. — E desculpe... Ora vamos a ver: sábado. Pode ir jantar conosco?

*

Fui. A casa ficava para as portas de Alconchel. No átrio havia um grande pote de cobre. Subia-se uma larga escadaria de pedra, bordada de uma fileira de bilhas de barro que Moura colecionava. Com grandes arcadas de velho mosteiro, todo esse rés-do-chão se congelava com um frio mineral, uma frescura de catacumbas. E eu o lembro agora, a esse frio, numa súbita imagem de um estranho silêncio coalhado em abóbadas... A criada que me atendeu, toda armada de folhos, meteu-me num escritório, selado de re-

posteiros. A casa era grande, mal se ouvia um rumor de passos ou de portas. Até que o Dr. Moura apareceu, agodado. Estendeu-me os dois braços, conduziu-me através de uma baralhada de salas até a uma espécie de *marquise*, onde me esperavam já com aperitivos. Em frente havia um jardim, cercado de um alto muro, onde a noite começava a germinar. Duas palmeiras explodiam no céu como granadas. E ao longe, para lá do casario, a planície azulava-se como horizonte marinho. Conheci então *Madame*, abundante senhora, loura por antiguidade (devia ter cabelos brancos), ousada e astuciosa por direito de mamã. Conheci a mulher do Cerqueira, Ana, Ana. Tinha cabelos longos e lisos, face magra de energia e de ânsia, olhar vivo de estoque... O lábio superior abria-se com a irregularidade de um dente. E conheci, Cristina. Estavas com os teus sete anos, a tua saia azul de folhos, o teu arzinho de menina grave. Nada ditas por então — e que tinhas tu a dizer? Falarias dali a pouco, só depois do jantar. E de um modo tão extraordinário, Cristina, que eu te ouço ainda agora como a voz mais perfeita de tudo quanto me aconteceu, esse ano e outro ano, e todos os anos da vida...

Até que, como numa expectativa de teatro, apareceu Sofia. Tinha um vestido branco, colado como borracha, e um corpo intenso e maleável. Uma forte adstringência aperta-a contra si, endurecia-lhe o boledo das curvas como duas maxilas cerradas. A cinta fechada disparava-lhe os seios, uma luz inquieta iluminava-lhe os olhos. E era assim como se uma descarga da terra a atravessasse toda, a revolutasse num duro arranque de ira... Apertei-lhe a mão com calor, subitamente infeliz. A noite adormecia sobre a terra, cálida, tranqüila, como uma nudez saciada. Sofia, *Madame* Moura e Ana e Alfredo cercaram-me dessas perguntas de

nada com que se inicia um convívio. Não conhecia o Alentejo? Nunca tinha ido a Évora? Ficaria por lá? Que ensinava eu? Não, não fora nunca a Évora, não ficaria por lá, ensinava Português e Latim...

— Latim, latim — exclamou Sofia, imensamente divertida por haver no mundo, e ali ao pé, quem ensinasse tal coisa.

— Gostava de Letras, decidi-me pelo ensino — esclareci. — E como o latim tinha futuro e me não dei mal com ele...

— Oh!, o latim... — exclamou Sofia ainda.

— Descanse que não serei um professor exemplar — prometi eu, imediatamente, desculpando-me como de uma degradação. Aliás, acrescente, uma profissão não era para mim um bilhete de identidade. Poderia ficar na aldeia, trabalhando a terra como o meu irmão Tomás. Mas havia o vício do livro, do meu verso clandestino. Cumprido o dever burrocático, ficar-me-ia tempo para o mais. Sim, sim escrevia o meu verso. Mas a arte não era para mim um mundo de letra impressa, uma estúpida invenção de passatempo ou de vaidade: era uma comunhão com a evidência, uma reencarnação na verdade de origens — eu o sabia, eu o saberia sobretudo depois. Ana tinha uma pergunta a fazer. Mas Alfredo interropeu-a:

— Ó senhor doutor. O senhor doutor vai ver que o Alentejo... Eu tenho aí uma herdades, havemos de lá ir. Em a gente aqui estando, digamos, dois anos, dois anos! A gente quer lá outra coisa...

E sorria em volta com o seu sorriso repuxado, deliciosamente ingênuo, quase imbecil. Mas a criadita vermelhusca, toda estrelada em folhos brancos, apareceu no terrazo, annunciando o jantar.

Ana ficou a meu lado com a sua pergunta de há pouco. Havia nela a violência de um prosélito recente ou em crise. Era em crise, boa Ana, como em breve eu saberia. Sim, Ana. Essa tua inquietação, essa tua fúria silogística, o desejo encarniado de *demonstrares*, deram-me cedo a certeza de que nada em ti estava seguro.

— Li dois livros seus — disse-me ela. — Publicou mais algum?

Não, não publicara, disse eu, centrado na atenção de todos.

— Que se passou em si do primeiro para o segundo? Dir-se-ia que o seu deus ressuscitou também ao terceiro dia.

— Não, não, minha filha — interrompeu Moura, poustando precipitadamente o talher. — Hoje não me levas à discussão. Isto é comigo, sabe? — acrescentou para mim.

— Julguei que fosse comigo.

— É comigo. Bom: eu sou religioso, acredito em Deus, em Cristo, no Papa, no dogma, em tudo o que me ensinaram. Mesmo não tenho tempo para pensar mais no assunto. Tenho um Deus para me tomar conta da vida e da morte. Fico com o tempo livre para tomar eu conta dos doentes.

Ao meu outro lado estava Sofia. Interpunha breves perguntas, de olhos baixos, erguia-os às vezes subitamente, fitando-me como um tiro. De uma vez olhei *Madame*: ela envolvia-nos aos dois com malícia e tolerância. Alfredo, docemente calvo, sorria para tudo, falava de novo das herdades, perguntava-me se eu gostava de fruta, porque queria que eu provasse umas laranjas que lá tinha e havia de me enviar à pensão. Estava eu no Machado? Pois bem: no dia seguinte... não, dáí a dois dias, havia de me remeter um cabaz de laranjas. Como as preferia eu? Da Baía? Volava-se para a cunhada:

— Diz lá tu, Sofiazinha querida, que tais as laranjas da Baía?

«Que gente, que gente», pensava eu. Moura, lançado no jantar, parecia distraído no prazer com que comia. Por que a sua boa disposição tinha a sólida base de um estômago cumpridor. Improvisamente, Ana regressou à sua obsessão:

— Há uns versos no seu livro que me intrigam. Dizem assim, mais ou menos:

*Do sangue nascem os deuses
que as religiões assassinam.
Ao sangue os deuses regressam
e só aí são eternos.*

— Ah, não! — clamou Moura, bruscamente acordado na sua sobremesa. — Deixem Deus sossegado e o doutor Soares também.

Mas o jantar acabava e fomos tomar café para outra sala. *Madame* teve tempo ainda de me perguntar:

— Desculpe: mas não é então crente?

— Decerto que não, minha senhora.

— Ah, estes jovens de hoje, estes terríveis jovens...

Inesperadamente, porém, apareceu um tipo baixo, sólido, quadrado, de uns trinta anos, com um ar dominador de pugilista.

E foi em todos uma alegria maravilhada e enternecida:

— Chico! Já estás bom, Chico? Então que foi isso?

— Perguntai ao vosso pai.

E Moura esclareceu, paternal: um pouco de tensão, um pouco de excesso, «ele sabe, ele sabe; com um bocado de juízo, tudo entra na ordem». Mas tinham-se esquecido de

mim e foi Ana quem nos apresentou. Chico (como imediatamente passei também a tratá-lo) veio sobre mim para me apertar a mão com um sacão brusco, como se me reconhecesse nobremente desde uma secular fraternidade. Tal fraternidade, porém, não existia, como logo me demonstrou. Com efeito, conhecia também os meus versos, tinha de «acertar» comigo umas ideias:

— Temos muito que conversar. Há imenso que fazer.

— Ouve lá, ó Chico — interveio o Alfredo. — Como era aquela frase que tu há dias dissesse? «Anda a gente em cavalarias e mal se descuida está para aqui a pensar na morte.» Não era bem assim, era uma rica frase. Já a quis dizer aqui ao doutor, mas não me lembro.

— Come. Come e não digas tolices.

— Lá estás tu a querer tramar-me outra vez:

E eis que chega a tua hora, Cristina. Terias tu já dito alguma coisa? Não me lembro. E que dissesse? O que tens a dizer, as palavras não o sabem. Nem o lugar. Nem a hora. Tu não és de parte alguma, de tempo algum, Cristina. Súbita aparição, foste surpresa em tudo para todos. Sim, eu sei, já o sabia quando te conheci...

Cristina viera «fora de tempo». Ninguém a esperava já. O pai errara as «contas» da fisiologia, havia a lei moral — e ela nascera. Os amigos de Moura, risonhamente, quando se referiam à filha, perguntavam-lhe pela «meta»... E ele sorria, inocente, porque a verdade da vida era mais forte do que ele, simples instrumento ou espectador...

— Cristina — disse Moura —, tu agora vais tocar um bocadinho para o senhor doutor.

A miúda fitou-me com os seus olhos azuis, sorriu imperceptivelmente e sentou-se ao piano. Ajeitou a saia à roda do banco e, de mãos imóveis no teclado, apesar do

nosso silêncio, esperou ainda pela nossa atenção ou pela sua. 1) E então eu vi, eu vi abrir-se à nossa face o dom da revelação. Que eram, pois, todas as nossas conversas, a nossa alegria de taças e cigarros, diante daquela evidência? Tudo o que era verdadeiro e inextinguível, tudo quanto se realizava em grandeza e plenitude, tudo quanto era pureza e interrogação, perfeito e sem excesso, começava e acabava ali, entre as mãos indefesas de uma criança. Mas tão forte era o peso disso tudo, tão necessário que nada disso se perdesse, que as mãos de Cristina se estorciam na distância das teclas, as pernas na distância dos pedais e toda a sua face gentil, até agora impessoal e só de infância, se gravava de atrepto à passagem do mistério. Toca, Cristina. Eu ouço. Bach, Beethoven, Mozart, Chopin. Estou de lado, ao pé de ti, sigo-te no rosto a minha própria emoção. Apertas ligeiramente a boca, pões uma rugazinha na testa, estremeces brevemente a cabeleira louira com o teu laço vermelho. E de ver assim presente a uma inocência o mundo do prodígio e da grandeza, de ver que uma criança era bastante para erguer o mundo nas mãos e que alguma coisa, no entanto, a transcendia, *abusava* dela como de uma vítima, angustiava-me quase até às lágrimas. Toca uma vez ainda, Cristina. Agora, só para mim. Eu te escuto, aqui, entre os brados deste vento de Inverno. Chopin, *Nocturno n.º 20*. Ouço, ouço. As palmeiras balançam no teu jardim, a noite veste-se de estrelas, adormece na planície. Onde este lamentamento, esta súplica? Amargura de sempre, Cristina, tu sabe-la. Biliões e biliões de homens pelo espaço dos milénios e tu só, presente, a memória disso tudo e a dizê-la... Quando Cristina acabou, todos a quisemos beijar. E ela veio à roda, já infantil e desabitada de grandeza, um pouco intrigada de que algo se tivesse passado em si. Ana, estrai-

nhamente, acariciou-a de um modo especial, falou-lhe baixo ao ouvido como numa cumplicidade.

Depois, cantou-se. Com grande surpresa minha, o Dr. Moura, com uma excelente voz de tenor, fez um dueto com Sofia, cantando um trecho já não sei de que ópera ou oratória. Soube depois que Moura estudara canto e fazia parte de um coro que se exhibia às vezes na Sé. Sofia tinha uma linda voz de contralto sem trémulos nem petulância. Porque o canto não era nela senão o anúncio de que estava viva, de que estava presente na terra.

Ergui-me enfim para me despedir. E subitamente, sem que o tivesse pensado, ofereci-me para ensinar a Sofia o seu latim necessário. *Madame* Moura aceitou logo, estalando de prazer:

— Que favor, senhor doutor... É um milagre! Sofia! Nem agradeces?

Ela agradeceu, declarando logo que era uma péssima aluna, que iria arrepender-me. Moura confirmou: eu arranjara uma carga de trabalhos. Tinha eu ao menos uma boa palmatória para ajudar?

Saí enfim para a noite, Chico saiu comigo. E, enquanto subíamos a rua, falou-me de si, falou-me de Évora. Estava ali há cinco anos, era engenheiro, trabalhava na Direcção dos Monumentos. Évora era uma cidade «absurda, reacção-nária», empanturrada de ignorância e de soberba. Em Évora — tinham-lhe dito um dia — «não se podia ter mais do que a 4.ª classe nem menos que 300 porcos».

— Qualquer iniciativa cultural é logo abafada de desprezo e de banha.

O peso da Idade Média enegrecia ainda as almas, e os mouros também. Ter meia dúzia de amantes era para aqueles sultões um sinal de abundância. E havia damas que

durante anos não saíam à rua, ou saíam apenas pela Semana Santa. Muitas casas tinham jardins. Pois visse eu se os descobria. Cercavam-nos de muros altos como a toda a sua vida. Criar relações em Évora era um milagre. Tudo ali tinha muralhas: a sociabilidade, os jardins e, enfim, a própria cidade. Mas de vez em quando aquela gente ia a Lisboa. E então era vê-la desabafar: casinos, teatros, ceias. Depois recolhiam ao mosteiro. Havia damas que nunca se viam na rua. Vira-as ele, Chico, fumando e bebendo no Estoril. Évora era a Quaresma e Lisboa o Carnaval. Ora bem, ele, Chico e alguns amigos não desistiam de importar a embófia gorda daqueles senhores. Falhara em tempos o Círculo de Cultura Musical. Falhara o *Cinema Classico*. Mas iam atacar outra vez. Agora, com uma série de conferências na *Harmonia*. Poderia eu colaborar?

Vagueávamos pela cidade morta, de arcadas desertas. Disse enfim ao caloroso homem:

— Ignoro tudo de Évora. Mas sinto que você exagera. Por ora sei apenas que é uma cidade fantástica. E quanto às conferências, decerto estou pronto a colaborar.

Subi às escuras as escadas da pensão, bati quatro vezes à porta. Veio enfim abrir-na o Sr. Machado, de chinelas, um capote sobre uma extraordinária camisa, que lhe chegava às canelas. Naturalmente, arreou-me duro:

— Ó senhor doutor... Em minha casa à uma hora está toda a gente na cama. Quem quiser vir mais tarde faz o favor de pedir a chave.

— De acordo, senhor Machado, de acordo. Não torna a acontecer.

Começava a irritar-me aquele tipo, eu tinha de mudar de pensão. Mas, quando me dei e apaguei a luz, o convite de Chico para fazer a conferência incendiou-me de alvoroço. Tinha ali uma oportunidade de pôr ordem no que me excitava. Um dia poderia desenvolver as minhas ideias num estudo mais longo; agora precisava de as fixar nos pontos capitais. E foi isso que desencadeou toda a história que narro.

E, todavia, como é difícil explicar-me! Há no homem o dom perverso da banalização. Estamos condenados a pensar com palavras, a sentir em palavras, se quermos pelo menos que os outros sintam conosco. Mas as palavras são pedras. Toda a manhã lutei não apenas com elas para me exprimir, mas ainda comigo mesmo para apanhar a minha *evidência*. A luz viva nas frestas da janela, o rumor da casa e da rua, a minha instalação nas coisas imediatas mineralizavam-me, embruteciam-me. Tinha o meu cérebro estável como uma pedra esquadrada, estava *esquecido* de tudo e no entanto sabia tudo. Para recuperar a minha evidência necessitava de um *estado de graça*. Como os místicos em certas horas, eu sentia-me em secura. Fechei os olhos raivosamente e quis ver. Regressava à aldeia, a essa noite de Setembro, quando meu pai morreu. Se tu viesses, imagem da minha condição... Se *aparecesses*... Como me esqueces tão cedo, como te sei e te não vejo!

Voltado para a montanha, toda lavada de lua, ouço alguém abrir-me a porta.

— Temos de ir vestir o nosso pai — disse Tomás. Senti um arrepio na ameaça do contacto com uma carne morta. Mas reagi. Que mãos profanas para te tocarem, meu velho? Que outras mãos senão estas da piedade, de um coração despedaçado? Sofro. Vou até ao quarto onde meu

pai dorme. Veste as calças de saragoça dos trabalhos agrícolas, as botas ferradas, que não quis tirar para a festa de família. Evaristo recusa-se a colaborar conosco. E, para se justificar, desata aos berros outra vez. Temos de chamar o António. E ele vem, baixo, grosso, a cabeça já branca e uma selva de cabelos no peito descoberto. Entra no quarto, benze-se e atira-se ao trabalho. O mais difícil era descalçar as botas. Eu e o Tomás seguramos o corpo, ele puxa. Não vai. Manda-nos afastar, aproximamos o corpo, ele puxa. Não e diz-lhe coisas em voz baixa. E depois, sozinho, suavemente, tirou as duas botas.

— Todos os mortos se fazem rogados — explicou-nos. — Então a gente pede e eles dão um jeito.

Céus! Onde a minha repugnância? Tudo me esqueceu. Corpo morto, carne morta. Como as pedras. Trabalho com aplicação, quase com gosto. As calças, a camisa, sapatos de verniz — os sapatos é o António quem lhos calça. Eiste pronto, meu velho, para a grande viagem. Estás sereno, a face gravada de doçura, de perdão a tudo, à vida, à morte. E uma comoção lenta humedece-me os olhos. Vou até ao meu quarto, abro as janelas para a noite.

Então bruscamente ataca-me todo o corpo, as vísceras, a garganta, o absurdo negro, o absurdo córneo, a estúpida inverosimilhança da morte. Como é possível? Onde a realidade profunda da tua pessoa, meu velho? Onde, não os teus olhos, mas o teu olhar? não a tua boca, mas o espírito que a vivia? Onde, não os teus pés ou as tuas mãos, mas *aquilo* que eras *tu* e se exprimia aí? Vejo, vejo, céus, eu *vejo* aquilo que te habitava e eras tu e sei que isso não era nada, que era um puro arranjo de nervos, carne e ossos agora a apodrecerem. Mas o que me estrangula de pânico, me sufoca de vertigem é teres sido *vivo*, é tu estares ainda

todo uno para mim, na memória do teu riso, no tom da tua voz, que era lenta, sossegada, nas ideias que punhas a viver entre nós, na realidade fulgurante de seres uma pessoa. Recordo-te torquizado, olho-te. Que é que te habitava, que é que está em ti e és tu? Não, não é a carne, não é o corpo: é aquilo que lá mora, aquilo que ainda dura de ti nestas salas, neste ar, *aquilo que eras tu*, o teu modo único de ser, aquilo a que nós falávamos, atravessando a tua parte visível. E, no entanto, sei, sei que esse *tu* real que te habitava não era senão a sua morada; como o espaço de uma casa, a intimidade do *home*, são as paredes que o fazem: derrubada a casa, a intimidade que lá havia também morre...

E desde quando o sei, desde quando? A verdade aparece e desaparece. Deus, a imortalidade e uma ideologia política e a sedução de uma obra de arte e a sedução de uma mulher — onde começam?, onde findam? Sou um indizível equilíbrio interior. Vivi, agi, toquei com as mãos tanta ilusão consistente. Depois a ilusão desfez-se. Ficou, porém, o rasto do que toquei, o gesto das minhas mãos — essa última união com o que quis, acreditei. Então eu descobri que as mãos estavam impuras. Lavar-me, renascer. Deus está morto *porque sim*. A imortalidade morreu *porque sim*. Não foi bem, meu velho, porque me ensinaste a história da terra e do homem e dos bichos que já não há e de que há seres humanos desde há dois dias, isto é, desde há um breve milhão de anos, se tanto. Não foi por isso, não foi por isso. Foi porque Deus se me gastou. Sei só que não está certo que ele viva. Sei que ele é absurdo, *porque o é*. Sei que ele está morto, porque não cabe na harmonia do que sou. Não cabe. Como-año-cabe-a-simpatia das mulheres que aborreci. Como não cabem as anedotas da infância, que já não têm graça

nenhuma. Como não cabe nada do que já não sou eu. Não discuto, irra, não discuto! Sei lá porque é que uma anedota de que ri não tem hoje para mim graça nenhuma! Sei só que a não tem.

E, todavia, pesa-me como uma patada de violência a realidade da pessoa que somos. Há muita coisa a arrumar, a harmonizar, muita coisa ainda a morrer. Mas por enquanto está viva. Por enquanto sinto a evidência de que sou eu que me habito, de que *vivo*, de que sou uma entidade, uma presença total, uma necessidade do que existe, porque só há eu a existir, porque eu estou aqui, arrei, estou aqui, EU, este vulcão sem começo nem fim, só actividade, só estar sendo, EU, esta obscura e incandescente e fascinante e terrível presença que está atrás de tudo o que digo e faço e vejo — e onde se perde e esquece. EU! Ora este «eu» é para morrer. Morre como a intimidade de uma casa derrubada. Sei-o com a certeza absoluta do meu equilíbrio interior. Mas como é possível? Agora eu sou essa intimidade, agora eu sou o seu espírito, a sua evidência.

IV

Portanto, eu tinha um problema: justificar a vida em face da inverosimilhança da morte. E nunca até hoje eu soube inventar outro. De que poderia falar na conferência? Nada mais há na vida do que beber até ao fim o vinho da iluminação e renascer outra vez. Riqueza ou miséria, ciência, glória, vexame, e a política e até a arte para tantos artistas, conhecimento do homem no corpo e no espírito — quantos modos de esquecer ou de não saber ainda o pequeno problema fundamental. Mas o que é extraordinário e me exaspera é que eu próprio tenha precisado de uma vida inteira para o saber. E quantas vezes agora o esqueço? O mais forte em nós é esta voz mineral, de fósseis, de pedras, de esquecimento. Ela germina no homem e faz-lhe pedras de tudo. Assim, quando procuro em mim a face original da minha presença no mundo, o que descubro não é o alarme da evidência, o prodígio angustioso da minha condição: o que descubro quase sempre é a indifferença bruta de uma coisa entre coisas. Eis-me aqui escrevendo pela noite fora, devastado de Inverno. Eis-me procurando a verdade primitiva de mim, verdade não contaminada ainda da indi-

ferença. Mas onde esse sobressalto de um homem jogado à vida no acaso infinitesimal do universo? Se meu pai não tivesse conhecido minha mãe; se os pais de ambos se não tivessem conhecido; se há cem anos, há mil anos, há milhares e milhares de anos um certo homem não tivesse conhecido certa mulher; se... Nesta cadeia de bilhões e bilhões de acasos, eis que um homem surge à face da Terra, elo perdido entre a infinidade de elos, de encruzilhadas — e esse homem sou eu...

E todavia, agora que me descobro vivo, agora que me penso, me sinto, me projecto nesta noite de vento, de estrelas, agora que me *sei* desde uma distância infinita, me reconheço não limitado por nada mas presente a mim próprio como se fosse o próprio mundo que sou eu, agora nada entendo da minha contingência. Como pensar que «eu poderia não existir»? Quando digo «eu», já estou vivo... Como entender que esta iluminação que sou eu, esta evidência axiomática que é a minha presença a mim próprio, esta fulguração sem princípio que é eu *estando*, como entender que pudesse «não existir»? Como pensar que é nada? A minha vida é eterna porque é só a presença dela a si própria, é a sua evidente necessidade, é ser eu, EU, esta brutal iluminação de mim e do mundo, puro acto de me ver em mim, este SER que irradia desde o seu mais longínquo facto de aparição, este SER-SER que me fascina e às vezes me angustia de terror... E todavia eu *sei* que «isto» nasceu para o silêncio sem fim...

Como tu, meu velho. Aí estás à beira da cova, na urna aberta, para te reconhecermos pela última vez. Onde a tua *peçoa*, onde o que eras tu? Passam pela estrada os carros chiando. Vêm das vinhas, das vindimas, trazem o aroma da terra e da vida. Mas tu agora és apenas a tua imagem. Que

é de *ti*? Ouço para lá dos teus lábios cerrados a tua palavra grave, vejo as tuas mãos erguerem-se, povoadas de um gesto que eras *tu*. Não! Quem te habitava não é. Viverás ainda na memória dos que te conheceram. Depois esses não-de-morrer. Depois serás exactamente um nada, como se não tivesses nascido. Quantos crimes, vexames, remorsos, alegrias e projectos e traições e castigos e prémios e tudo e tudo nos milhões de homens que passaram noutrous séculos por esta pequena aldeia e souberam os seus sítios e a montanha e a ribeira e se souberam daqui e disseram «Esta casa é minha, esta terra é minha» e sentiram a aura de tudo isto, destes ventos, destas noites, e são hoje o nada integral, absoluto, pura ausência, nada-nada? Eis que começa a tua longa viagem para a vertigem das eras, para a desapareição do silêncio dos milénios. Sim, agora ainda vives para mim porque te sei.

Como os retratos do álbum da tia Dulce...

Boa tia Dulce! Lembro-te. Era irmã do meu avô, herdada pelo meu pai com a velha casa, uma velha criada, e com o velho ar de tudo. Magrinha como uma suspeita, sisuda por defesa no recio de que lhe faltassem ao respeito, revestia de gravidade aqueles dos seus actos em que pudéssemos ver uma inferioridade, como, por exemplo, comer sempre com muito apetite. Porque na aldeia o apetite é uma degradação, por lembrar a pobreza ou a animabilidade. Por isso tia Dulce comia com requinte, muito séria, mastigando devagar, com um pequeno ar de desgosto, tralhando os talheres com minúcia — mas alimentando-se sempre muito bem.

Mas ofendo-te, velha mulher, aqui a desvendiar a tua «psicologia» — eu, que detesto como um insulto essa covilhice das minudências íntimas, esse ofensivo desmontar

de rejoyaria, como se um ser humano fosse um brinquedo. Mas tu eras alguma coisa mais do que um boneco, eu o sei. Ainda que tu mesma talvez o não soubesses. Porque em ti vivia a fascinação do tempo, o sinal do que nos transcende. Assim eu esqueço esse teu intransigente apetite, as más digestões consequentes e a magnésia e os clisteres, a tua boca aguçada em conveniência, a tua vingança contra a idade nessas maledicências secretas com a tua amiga Inocência, a do falatório beato, as tuas intrigas com as criadas nos saguões familiares, as tuas rixas com o António, o moço de lavoura, a ganância com que defendias o teu peccilho de tostões, a gula com que recebias os nossos beijos, que eram a prova de que «não tínhamos nojo de ti» — assim eu esqueço tudo, e o que te resume, boa mulher, é esse teu velho álbum de fotografias, que tanta vez me explicaste por saberes que eu conhecia já a vertigem do tempo e me legaste depois «para o guardar» e eu tenho agora aqui na minha frente como o espectro das eras e das gentes que já mal sei e me fitam ainda do lado de lá da vida e me quetrem falar sem poderem e me angustiam como o olhar humano do *Mondego* dias antes de o António o matar.

V

E todas as quartas e sábados eu dava lição a Sofia. Começámos pelo principio para recapitular. Ela cantava as *declinações*, tinha um modo gracioso de se enganar e de tal forma que eu sentia obscuramente que os erros é que estavam certos. E era assim como se qualquer coisa a habitasse e fosse maior do que ela e do que a miséria das regras de gramática. Mas tinha sobretudo uma maneira brusca e cravada de travar e de me ficar olhando, como se me procurasse em qualquer sítio de mim onde não houvesse lembrança do que estávamos dizendo. Eu sentava-me num sofá em frente dela, ela sentava-se noutro sofá, cruzando a perna, escrevendo em cadernos de uma infância já morta. Era raro eu ver *Madame* ou alguém mais da casa. A pequena criada, vermelhusca, sempre a estalar de sangue, vinha abrir-me a porta e meia-me no escritório. Eu ficava ali à espera algum tempo, abafado de estofos e silêncio, até que Sofia entrava. Fechava sempre a porta atrás de si com um à-vontade que era quase desprezo por quem exigisse que ficasse aberta. Assim, era como se entre Sofia e mim uma vida única se estivesse gerando e ambos a reconhecêssemos. Uma única